

REGIONALISMO EM JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS: LITERATURA GOIANA OU LITERATURA DE GOIÁS?

Vera Lúcia Alves Mendes Paganini¹

Resumo: O trabalho que se segue discute algumas obras do escritor carioca José Mauro de Vasconcelos com o objetivo de demonstrar, por meio de análise dos aspectos dos textos aí produzidos, o regionalismo goiano expresso pelo escritor. Utilizando os conceitos de Bosi (1998), Coutinho (1997), Almeida (1985) e Huttcheon (1991), indicaremos os elementos que caracterizam este autor como regionalista. Por meio de fragmentos das obras analisadas e de explicações baseadas nos textos destas obras, também serão evidenciadas as relações que demonstram as características da nossa terra e da nossa gente. E, por fim, pela proposta de recontar, com certo distanciamento temporal e uma visão reflexiva da realidade, os fatos pela ficção, demonstrar os aspectos de metaficção historiográfica possíveis de se reconhecer ali. A finalidade é perceber se o escritor, dados os elementos das obras, pode ser considerado como um produtor de literatura goiana ou literatura sobre Goiás?

Palavras-chave: Regionalismo. Literatura Goiana. José Mauro de Vasconcelos.

Abstract: The work that follows discusses some works of Rio's writer José Mauro de Vasconcelos in order to demonstrate, through analysis of aspects of the texts produced there, the registered regionalism. Using the concepts of Bosi (1998), Coutinho (1997), Almeida (1985) and Huttcheon (1991), will indicate the characteristics of this author as regionalist. Through fragments of analyzed works and explanations based on the texts of these works, they will also be highlighted relations that demonstrate the features of our land and our people. And finally, the proposed recount, with some temporal differences and a reflective view of reality, the facts for fiction, show the possible aspects of historiographical metafiction to recognize there. The purpose is to see if the writer, given the elements of the works can be considered as a producer of Goiás literature or literature Goiás?

Keywords: Regionalism. Goiás Literature. José Mauro de Vasconcelos

Algumas Questões Sobre o Regionalismo

A Literatura, como arte, não se obriga a exercer qualquer função; entretanto se lhe fosse impingido esse mister, certamente a sua maior utilidade seria registrar a passagem do homem sobre a Terra: seus feitos, seus comportamentos (às vezes incomprensíveis) o que sente, o que pensa, o que é. Por não ser obrigada a se comprometer com a realidade, no seu “fingimento fictício” é que se revela inexoravelmente verdadeira, inapelavelmente desnuda.

É uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada. Enquanto o filósofo lança mão do

¹ Professora de Língua Portuguesa da UEG, Câmpus Inhumas, Mestre em Literatura pela UFG. E-mail: verapaganini@hotmail.com

pensamento especulativo e o cientista se apóia na observação sobre os fenômenos da natureza, o artista recorre à imaginação, à fantasia para compreender o mundo. Fictício não significa falso, mas apenas historicamente inexistente ou não contado. Este trabalho, sendo uma discussão sobre literatura, busca o resgate de costumes, acontecimentos e sujeitos, revelando seu contexto sócio-histórico, não contado pela História; por isso está livre para ser apropriado pelos que se identificam com esta terra e esta gente.

O tema escolhido é o regionalismo goiano na obra do escritor carioca José Mauro de Vasconcelos (1920-1984). Especificamos regionalismo goiano porque esse escritor retratou em sua obra regiões do Centro-Oeste, mas também do Nordeste e do Sudeste; a opção por ele (José Mauro de Vasconcelos) se deve a dois importantes motivos: primeiro pela curiosidade de se observar uma pessoa que não nasceu no Brasil Central retratar tão fielmente seus costumes e cultura; segundo como homenagem (talvez pretenciosa, porém sincera) a um escritor que, não sendo da terra, escolheu-a como tema, elevou-a na sua obra e respeitou seus habitantes na sua individualidade e coletividade. Voltou seus olhos cariocas para o interior do Brasil e contemplou-o com humildade e respeito

O Regionalismo está presente na Literatura Brasileira desde a origem; se for levado em conta que constitui regionalismo o retrato de um espaço geográfico com suas características sócio-culturais, isso acontece desde a Carta de Caminha. Entretanto o que a Literatura oficialmente denominou Regionalismo foi um movimento de valorização das relações da personagem com seu meio natural, cultural e social (BOSI, 1998) que ganhou força a partir da década de 30, do século XX, e se espalhou pela literatura em todas as suas fases seguintes.

Quatro obras de José Mauro de Vasconcelos serão a base deste artigo, para discutir características regionalistas e perceber a metaficção por ele evidenciada: a vida do sertanejo, do garimpeiro e dos índios que habitam as margens do Araguaia na região do Mato Grosso Goiano até a divisa do Pará e do Rio Tocantins. Há uma preocupação em definir, tomando como base Nelly Alves de Almeida (1985), o que é Regionalismo e o que é Sertanismo, constatando-se que em sua obra José Mauro de Vasconcelos imprimiu a característica regionalista, retratando com a maior fidelidade os ambientes descritos. Além da leitura atenta das quatro obras: *Banana Brava* (1942), *Arara Vermelha* (1953), *Rosinha*, *Minha Canoa* (1962) e *Chuva Crioula* (1972) foram feitas comparações com outras do autor e de outros escritores da Literatura Brasileira para a análise da intratextualidade; foram realizadas entrevistas a pessoas que conviveram com o escritor, inclusive índios de uma aldeia Karajá e

leituras de teóricos que falaram sobre o assunto (pesquisa bibliográfica). Se em algum momento, no texto, aparecer o senso comum, deve-se levar em consideração a profunda sensibilidade do escritor cuja arte despertou em nós sentimentos de identificação com o meio e de amor à terra e às tradições retratadas. O objeto de pesquisa não pôde ser distanciado porque é parte do seu universo cultural.

Do estudo, pode-se concluir: **o valor da obra** como arte se iguala ao dos grandes nomes da nossa literatura pelo trabalho com os signos linguísticos, pelo registro fiel do tema e pela sensibilidade impressa ao texto; **a intenção de julgá-la regionalista** se confirma baseando-se no que diz Almeida (1985) e Alencar (2000) ao definirem “regionalismo” e diferenciá-lo do “sertanismo”; **a metaficção historiográfica**, como a classifica Linda Hutcheon (1997), é um elemento predominante no texto porque há um distanciamento e uma aproximação reflexiva com a realidade, em que a “arte imita a vida”. É possível cotejar o texto com fatos do cotidiano de antigos moradores de Aruanã, especialmente os índios Karajá que ali habitam, e comprovar a sua veracidade.

O Regionalismo em José Mauro de Vasconcelos

O nosso cânone não é muito generoso com esse escritor. Exceto o livro *Meu Pé de Laranja Lima*, que já foi até transformado em novela pela rede Globo de televisão, muito pouco se encontra de análise e mesmo de crítica sobre sua obra. Mas, isso não lhe tira o mérito de estar entre os que melhor retrataram a alma humana na sua simplicidade e pureza. Quem o conhece compreende o verdadeiro sentido da palavra singeleza, presente nas descrições, na linguagem, na forma clara, direta e, ao mesmo tempo poética que usa para falar de pessoas, coisas, bichos, plantas e da natureza humana.

A sua capacidade de personificar seres e coisas já é conhecida em *Meu Pé de Laranja Lima*; mas essa capacidade, aliada ao retrato do meio em que as personagens estão inseridas, compõe um quadro regionalista de ambientes históricos e geográficos semelhante ao que faz Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos ou Érico Veríssimo quando produzem suas obras regionalistas no início do século XX.

Talvez uma das explicações para que não tenha alcançado o mesmo êxito do grande público em sua época seja a escolha dos temas: no Nordeste, as salinas do Rio Grande do Norte e o universo dos operários e pescadores da orla marítima; como suas personagens, embora demonstrem com tanta veracidade os problemas individuais e sociais, não têm a força

política, religiosa e sensual daquelas criadas por Jorge Amado, por exemplo, não conseguem criar em torno de si o magnetismo do poder; na Região Centro-Oeste, o escritor descreve o universo do garimpo às margens do Araguaia, a devastação da natureza, a invasão de privacidade do sertanejo e das tribos indígenas, degeneração dos costumes e culturas da terra.

Para discutir o seu modo prosaico de falar dessas coisas, comporemos um painel ambientado no Araguaia entre as décadas de 40 e 70 (século XX), com as quatro obras já mencionadas: *Banana Brava* (1942); *Arara Vermelha* (1953); *Rosinha, Minha Canoa* (1962); e *Chuva Crioula* (1972). Essa escolha se deu pela análise dos temas e a observação de que é possível, por meio deles, mostrar a importância do Araguaia como o principal veículo de transporte e comunicação entre as regiões mais longínquas, inclusive com o Pará, Maranhão e Mato Grosso; lembrando que a divisão político-administrativa responsável pela criação do Estado do Tocantins só aconteceria na década de 1980, em todo o estado Goiás terá a dimensão anterior a esta época.

Banana Brava (1942) foi a primeira obra do escritor, resultante das impressões que ele teve ao viajar com os irmãos Villas-Boas pelo interior do Brasil. Narra a história de Joel e Gregorão e episódios de outros garimpeiros na vida dura do garimpo *Banana Brava*. Sobre esta obra, podemos ler o que o próprio autor diz:

Um dia, saí pelo sertão adentro à procura de uma vida diferente. Deixei o meu coração parado à sombra de uma árvore, aguardando ansioso a minha volta e caminhei. Caminhei sem parar. O sol tostou-me o rosto e as mãos. Percorri muitas estradas empoeiradas, silenciosas e longas. Esqueci-me do que se chama tempo e espaço para perder-me na realidade da distância. Só havia distância... Um cansaço enorme apossou-se do meu corpo... Só então encontrei os homens sem piedade. Homens que têm um coração trágico, alimentando uma vida muito mais trágica. Homens que desconhecem a piedade para os outros e para si próprios. Vi, ouvi e vivi suas histórias. Voltei triste e procurei meu coração que me aguardava ansioso à sombra da mesma árvore. Resolvi contar a história dos homens sem piedade. Não a descrevo nem com tinta nem com sangue. Apenas uso o suor dos meus sofrimentos e canseiras, dissolvido na poeira das minhas caminhadas. Na poeira que levanta aos passos dos homens sem piedade na sua marcha de sonâmbulos para os seus remotos Eldorados. Na poeira que somos todos nós. Pois tudo é pó. (VASCONCELOS, 1974, p. 12).

Arara Vermelha (1952) é também uma história de garimpo, tem dois núcleos narrativos que compõem a obra: um deles é a história de Kanaú – meio branco meio índio e o seu eterno dilema por não conseguir ser um ou outro:

- Bebe, Kanaú? [...]
- Tás doido, Temisto! Se o serviço de proteção aos índios te pega vendendo álcool pra índio é multa na certa!
- Besteira, rapaz. Kanaú veio da cidade. Esteve em São Paulo, no Rio, em Goiânia... (VASCONCELOS, 1952, p. 13).

O outro núcleo da narrativa é a viagem do Tenente e Sá Lua, acompanhados por Daniel e Tilde – um ex-prisioneiro e uma prostituta. O Tenente se envolvera em jogo de cartas, contraíra dívidas e, para pagar as dívidas, acabara pegando um enorme diamante que lhe fora confiado para guardar no cofre da delegacia/cadeia até que o dono do “bamburro” tivesse condições de vendê-lo na cidade. Pensava em desaparecer daquela região e ir viver com Sá Lua no Mato Grosso. Como Sá Lua estivesse grávida, perto dos dias de ter o filho, o Tenente libertou o prisioneiro Daniel e fez um acordo com Tilde, uma espécie de “cão de guarda” de Sá Lua, para que ajudassem na empreitada entrando como sócios da fortuna.

As duas canoas descem o Araguaia, enfrentando as dificuldades naturais, com objetivos opostos: a de Camura e Kanaú perseguindo os ladrões do diamante, para fazer justiça; a do Tenente buscando a liberdade em outras terras, longe das dívidas, das crueldades do garimpo, da maldade dos homens.

As peripécias vividas pelas duas “expedições”, as lendas, os costumes do povo ribeirinho, as tradições da terra, aparecem de modo natural na voz de um narrador observador, onisciente que nos conduz como um cicerone para o mundo sertanejo e selvagem do interior de Goiás.

Em Rosinha, Minha Canoa (1962), vemos um Rio Araguaia na região de Aruanã (antiga Leopoldina, ainda assim denominada pelos habitantes mais velhos do lugar) com mais progresso, povoado por pessoas mais “civilizadas”, de hábitos mais urbanos. A proximidade com a Cidade de Goiás (antiga Vila Boa, capital do Estado) e o porto aonde chegam os barcos e canoas que cruzam o Araguaia são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da região, resultante da “Marcha para o Oeste”, empreendida por Getúlio Vargas e concretizada por Juscelino Kubitschek.

Zé Orocó, personagem protagonista, tem um pequeno sítio perto da cidade e perto também da aldeia dos Carajá, onde mora sozinho e, como São Francisco de Assis, conversa com os animais, com as plantas, especialmente com Rosinha, uma canoa feita de landi, sua velha companheira. Os dois têm no Araguaia o meio de sobrevivência e harmonia, pois é nas viagens para buscar “trens” necessários ao dia a dia, nas paradas e pousos ao redor das

fogueiras em pequenas praias repletas de “muriçocas” é que se revelam nos “causos”, nas lembranças e nas lendas contadas pela grande “sabedoria” e memória de Rosinha.

Esse colóquio idílico é interrompido com a chegada de um médico que vem suprir o povo de vermífugos e penicilina, mas que também examina a todos e determina quem está doente, quem está são. Não era um acontecimento comum, a chegada do médico, por isso todos querem “mostrar serviço” contando dos doentes do lugar. Madrinha Flor, amiga (ex-amante) de Zé Orocó também se achava na obrigação de informar sobre a situação de todos ali, sentindo-se importante. Pensando estar fazendo o bem, revela ao médico a mania de Zé Orocó conversar com bichos e plantas. Ela queria vê-lo normal, como quando chegara, há alguns anos. O médico diagnostica e dá o veredicto: Zé Orocó precisa ser tratado. O médico leva-o para São Paulo e coloca-o num manicômio; foi o seu fim:

Zé Orocó foi perdendo a vontade de falar. Falar com quem e por quê? Nos primeiros tempos era assaltado por uma vontade louca de fugir, de procurar um lugar onde houvesse menos tristeza, onde pudesse sentir o sol com liberdade. Mas aquilo ia perdendo a realidade. (VASCONCELOS, 1962, p. 131).

Todos os seus sonhos de viver no paraíso foram arrancados à força. Ficou interno em tratamento até se convencer de que “uma árvore é uma árvore” como lhe afirmara a psicóloga, milhões de vezes, para que ele repetisse. Quando todos do hospital acreditaram que ele estava curado, pôde sair e recebeu ajuda para voltar à selva. Voltou. Conseguiu encontrar Rosinha quase destruída pelo tempo. Mas ela o esperava:

– Eu preciso desabrir o coração, Rosinha.
– Pois então desabra, Zé Orocó. Nem coração de mãe pode escutá-lo com tanto prazer. Ele contou tudo. Do jeito que fora tratado no hospício, dos tratamentos bárbaros, das injeções, dos choques, dos castigos, das aulas, onde uma árvore era uma árvore, das prisões em lugares sem luz e sem higiene, das camisas de força... (VASCONCELOS, 1962, p. 191, grifo meu).

Depois disso, conforme prometera a Rosinha no início da convivência, fez uma fogueira numa das lindas praias do Beé-Ro-Kan (Araguaia) e transformou-a em cinzas que o vento levou para acompanhar as plantas e os bichos das margens.

Chuva Crioula (1972) é uma narrativa mais amadurecida em que o poeta/prosador desvela uma face do Araguaia mais voltada para a vida social de Aruanã (Antiga Leopoldina), agora importante porto de entrada do Mato Grosso para os centros comerciais da Cidade de Goiás, e até mesmo para a nova capital, Goiânia.

Com o progresso veio também o modismo e as “mazelas” da sociedade civilizada. Igual a toda cidade do interior, Aruanã tem suas “personagens tipo” (COUTINHO, 1997): o delegado, o louco que vive pelas ruas falando as verdades apocalípticas, no bordel o cafetão afeminado ou a cafetina disforme, excessivamente e ridiculamente maquiada (antiga prostituta que muda de atividades para sobreviver), as carolas “papa-hóstia” que sabem mais do pai-nosso que o vigário. E ainda, como cidade do interior goiano, tem suas peculiaridades: a malhação do Judas – que é uma prática realizada no sábado de aleluia, as simpatias, as mesinhas, as novenas...

As margens do rio são povoadas na década de 1970, por uma “sociedade mista”, cosmopolita que, pela localização geográfica, recebia agora os reflexos da ciência e da filosofia decantadas no final do século XIX. O caldeamento dos vilarejos resultantes dos antigos garimpos reflete claramente o Determinismo retratado tão bem na Literatura por Aluísio Azevedo n’O Cortiço: zoomorfização, animalização, bestialização do ser humano. As margens do Araguaia pululam de “moscas varejeiras” que se aproveitam da carne inocente. É o Doca que se apodera de Chuva Crioula e, quando ela escapa das suas garras, passa como um trator por cima de quantos ele imagina serem os responsáveis. São os donos dos bordéis que fazem das “biraias” servidoras do rio em certas épocas do ano, explorando-as duplamente: de dia, quando elas descem o rio, vestidas de amarelo para indicar que estavam indo oferecer seus préstimos de donas-de-casa; à noite no bordel servindo à sanha dos mineradores e castanheiros. São os aventureiros e comerciantes de pedras, de castanhas, dos “souvenires” fabricados pelos índios que exploram os deserdados da sorte em troca de cachaça, fumo e migalhas de pequenos “confortos” trazidos da civilização. O próprio Azor, embora considerado um bom patrão, explora os castanheiros e arranja clientes (com participação nos lucros, claro!) para os bordéis.

O universo retratado por José Mauro nesta obra nos dá a sensação de impotência porque descreve uma realidade de personagens presas pelas circunstâncias numa grande teia sem saída; vidas que, por motivos os mais variados, se veem encurraladas num paraíso exótico onde a exuberância da natureza contrasta com a maldade dos homens.

A grandiosidade dos elementos naturais (evidenciada principalmente pelas dádivas do rio), a superabundância dos recursos básicos de sobrevivência, acabam sendo também responsáveis pelas catástrofes. Parece uma terra sem Deus: na época das chuvas, as enchentes varrem as margens e arrastam o que os “braços do rio” conseguirem alcançar; na época da seca, vem a praga dos insetos, os peixes desaparecem, o roçado estraga, o vento seco varre

tudo. Mas na primavera o sertanejo esquece todas estas coisas e desfruta o paraíso. Vive-se à mercê dos elementos naturais.

Baseando-se nas entrevistas feitas por nós em Aruanã, a pessoas que conheceram e conviveram com José Mauro de Vasconcelos, pudemos constatar que o retrato dos ambientes e das personagens feito por ele nestas obras é de grande verossimilhança, fiel aos costumes, às tradições, aos locais e ao povo. Percebemos ainda o profundo respeito demonstrado por ele ao “navegar” nesse universo: apenas viu, conheceu, aceitou e registrou. Não tentou mudar as coisas para o seu conforto, nem invadir a privacidade do lugar pela sua fama; ele sim se adequou à situação, misturou-se à terra de tal forma que pôde descrevê-la como se tivesse nascido e sempre vivido aqui. É por isso que afirmamos: sua obra regionalista em Goiás constitui verdadeiramente um patrimônio nosso, porque ele retratou Goiás melhor que se goiano fosse.

Considerações Finais

Ao concluir o estudo, sentimos que algumas reflexões são imprescindíveis, para que se constate o progresso de conhecimentos com relação ao objetivo proposto.

É ponto pacífico que o regionalismo não é o pólo oposto do universalismo pois que ele não se confunde com localismo, nativismo e exotismo, etc. E, como a arte e a literatura se movem no campo do concreto, do particular e não das abstrações e das leis gerais, uma abordagem regional, em princípio significa uma vantagem. Saindo, entretanto, destas observações gerais preliminares, perguntemos que significa, enquanto comportamento estético, o regionalismo? Ele não implica uma cosmovisão específica, em tampouco um modelo estilístico. (COUTINHO, 1997, p. 363).

A afirmação de que o regionalismo não é um pólo oposto do universalismo é bem apropriada para concluir (ou apenas interromper, porque um estudo literário é fonte inesgotável de análise) o nosso trabalho. Ao tomar conhecimento das obras de José Mauro aqui analisadas, e de outras afins, foi possível perceber que, recriando um universo goiano em que se movimentam as suas personagens características, o escritor criou um mundo que extrapola as fronteiras de Goiás, numa cosmovisão do homem em essência, com as dores e alegrias comuns a toda a humanidade.

Sem deixar de retratar as tradições goianas, ele mostrou que o critério regionalista é útil em um plano elementar em que se verifique o contraponto da obra na realidade externa e

encontre nela, como nas outras, de outros lugares, as peculiaridades que ao mesmo tempo as unem e as separam.

Ao critério regionalista, portanto, pode-se associar um critério de valor, a ser estabelecido a cada obra, em particular. Os critérios de valor que arrolamos para argumentar sobre a relevância do estudo foram os seguintes: a obra como arte literária, cotejada com outros “cânones” da literatura, deu-nos a dimensão da sua semelhança com registros de outras ou destas regiões, tanto no que diz respeito à linguagem e à intratextualidade, quanto ao ambiente sócio-geográfico-histórico mostrado; julgamo-la regionalista justamente pela fidelidade mantida no texto ao retratar os falares locais, o folclore do povo, a sua cultura em geral.

Saindo do *particular* para o *universal* (BOSI, 1992), observamos que as obras desnudam o homem na sua essência. Como Mário de Andrade elege Macunaíma e com ele apresenta o Brasil ao mundo, José Mauro de Vasconcelos elege, por exemplo, Zé Orocó e com ele apresenta Goiás ao Brasil. Nos dois casos, as personagens são individuais (particulares), mas são também protótipo universal do homem, que, ao se ver pressionado, oprimido, ou injustiçado, procura saídas nos recursos de que dispõe.

Os dramas vividos pelas personagens da beira do Araguaia, e o seu questionamento dos valores inerentes à condição humana, são os mesmos presentes em todas as sociedades; a busca da felicidade é o objetivo maior de todos e de cada um, na comunidade em que vive, no país onde nasceu ou em qualquer parte do mundo. Por isso, o saldo mais positivo de todo o estudo é a percepção da originalidade, da poesia que esse autor conseguiu imprimir a temas tão comuns, já escritos e reescritos pela História e pela Literatura.

Por último, mas não menos importante, tomamos como base as palavras de Linda Hutcheon (1991, p. 141):

Considera-se que as duas (Literatura e História) obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva, as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura: e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. (grifo nosso).

Como se pode perceber, o retrato da terra feito pelo autor é um registro metaficcional uma vez que é possível encontrar na literatura registrada e na história contada pelos contemporâneos do escritor e conterrâneos dos “personagens” a verossimilhança.

Não procuramos, no estudo, fazer um tratado científico do escritor ou dissecar sua obra, para promovê-la a um tratado histórico, mas reverenciar um artista que, tendo uma imensidade de temas para imortalizar, preferiu voltar-se para a simplicidade do caboclo, para a poesia áspera, mas ingênua, do índio e, principalmente, para as riquezas culturais e naturais pouco valorizadas até hoje no Brasil Central.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Maria Amélia de. A Redescoberta do Sertão. In: _____. **Roncador – Xingu:** roteiro de uma expedição. Goiânia: Ed. da UFG, 2000.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos Sobre os Quatro Regionalistas**. 2. ed. Goiânia: Ed. Da UFG, 1985.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Modernista**. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

FERNANDES, José. **Dimensões da Literatura Goiana**. Goiânia: Gráfica de Goiás – CERNE, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós Modernismo:** história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

VASCONCELOS, Selmo. **Dados Biográficos da Obra Completa**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

VASCONCELOS, José Mauro de. **Banana Brava**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

_____. **Arara Vermelha**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

_____. **As Confissões de Frei Abóbora**. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

_____. **Chuva Crioula**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

_____. **Kuriala, Capitão e Karajá**. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

_____. **Rosinha, Minha Canoa**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.